A linguagem poética como via de acesso ao real: aproximações entre Lacan e a poesia

Poetic language as a way of accessing the real: approximations between Lacan and poetry

El lenguaje poético como vía de acceso a lo real: aproximaciones entre Lacan y la poesía

Nivea Dias Fernandes
https://orcid.org/0009-0000-9705-4619
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Luís Otávio Vilela da Cruz
https://orcid.org/0009-0000-8416-1319
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

Resumo

Neste estudo, discutiremos a relação entre poesia e psicanálise a partir da teoria de Jacques Lacan, tomando como eixo a noção de verdade e sua articulação com a linguagem. Parte-se do pressuposto de que a interpretação poética, ao operar pelo equívoco, pela sonoridade, pelo ritmo e pelo não-dito, desloca a leitura do inconsciente para além da decifração simbólica e da busca por sentidos totalizantes. O objetivo consistiu em compreender de que modo a função poética da linguagem pode tocar algo do real do sujeito, bem como examinar a contribuição da poesia chinesa e da escrita chinesa para esse debate. Trata-se de pesquisa teórica, qualitativa e bibliográfica, orientada por leitura interpretativo-conceitual de textos de Lacan e de estudos críticos sobre interpretação poética, letra, escrita e clínica. Os resultados indicam que a poesia chinesa oferece um horizonte decisivo para pensar a materialidade da linguagem, a função do vazio, a inscrição da letra e a verdade como semi-dizer. Concluímos que a interlocução entre poesia e psicanálise permite compreender a interpretação menos como explicação e mais como pontuação, corte e ressonância, abrindo também implicações clínicas importantes para uma escuta atenta ao equívoco e à singularidade do dizer.

Palavras-chave: poesia, psicanálise, escrita chinesa.

Abstract

In this study, we discuss the relationship between poetry and psychoanalysis based on Jacques Lacan's theory, taking as its central axis the notion of truth and its articulation with language. The study starts from the assumption that poetic interpretation, by operating through ambiguity, sonority, rhythm, and the unsaid, shifts the reading of the unconscious beyond symbolic deciphering and the search for totalizing meanings. The objective was to understand how the poetic function of language can touch something of the subject's real, as well as to examine the contribution of Chinese poetry and Chinese writing to this debate. This is a theoretical, qualitative, and bibliographic study, guided by an interpretive-conceptual reading of Lacan's texts and critical studies on poetic interpretation, letter, writing, and clinical practice. The results indicate that Chinese poetry offers a decisive horizon for thinking about the materiality of language, the function of emptiness, the inscription of the letter, and truth as half-saying. We conclude that the dialogue between poetry and psychoanalysis allows interpretation to be understood less as explanation and more as punctuation, cut, and resonance, while also opening important clinical implications for a mode of listening attentive to ambiguity and to the singularity of saying.

Keywords: poetry, psychoanalysis, Chinese writing.

Resumen
En este estúdio, discutimos la relación entre poesía y psicoanálisis a partir de la teoría de Jacques Lacan, tomando como eje la noción de verdad y su articulación con el lenguaje. Se parte del supuesto de que la interpretación poética, al operar por el equívoco, la sonoridad, el ritmo y lo no dicho, desplaza la lectura del inconsciente más allá del desciframiento simbólico y de la búsqueda de sentidos totalizantes. El objetivo consistió en comprender de qué modo la función poética del lenguaje puede tocar algo de lo real del sujeto, así como examinar la contribución de la poesía china y de la escritura china a este debate. Se trata de una investigación teórica, cualitativa y bibliográfica, orientada por una lectura interpretativo-conceptual de textos de Lacan y de estudios críticos sobre interpretación poética, letra, escritura y clínica. Los resultados indican que la poesía china ofrece un horizonte decisivo para pensar la materialidad del lenguaje, la función del vacío, la inscripción de la letra y la verdad como medio decir. Concluimos que la interlocución entre poesía y psicoanálisis permite comprender la interpretación menos como explicación y más como puntuación, corte y resonancia, abriendo también importantes implicaciones clínicas para una escucha atenta al equívoco y a la singularidad del decir.

Palabras clave: poesía, psicoanálisis, escritura china.

Introdução

A relação entre poesia e psicanálise ganha especial densidade teórica quando a linguagem deixa de ser apenas instrumento de comunicação e passa a ser concebida como lugar de produção de verdade, de equívoco, de emergência do sujeito. Na perspectiva lacaniana, esse deslocamento é decisivo, porque afasta a leitura do inconsciente de uma lógica exclusivamente decifrativa, orientada pela recuperação de sentidos supostamente ocultos, e a reinscreve no campo da materialidade significante. Nessa direção, a verdade não comparece como adequação plena entre palavra e realidade, mas como acontecimento parcial, atravessado por falhas, cortes e restos. É nesse horizonte que Lacan formula que "a verdade vem reforçar ali a estrutura de ficção" (Lacan, 2003, p. 24), indicando que a verdade analítica não se separa das condições simbólicas de seu enunciado, nem se oferece sob a forma de totalidade transparente.

Tal formulação permite compreender por que a poesia adquire, em Lacan, estatuto privilegiado. O interesse não está em submeter o poema a uma leitura psicológica nem em usar a literatura como simples ilustração conceitual, mas em reconhecer que a operação poética evidencia a potência própria do significante. Figueiredo (2018), ao examinar a interpretação poética na psicanálise lacaniana, assinala que se trata de "circunscrever uma verdade não-toda e poética" (Figueiredo, 2018, p. 67), isto é, uma verdade que não se deixa saturar pela significação fálica nem pela pretensão de completude do saber. Nessa perspectiva, a interpretação analítica aproxima-se da poesia não porque produza beleza verbal, mas porque pode operar pelo equívoco, pela homofonia, pela condensação sonora e pela suspensão do sentido estabilizado.

Essa inflexão torna particularmente relevante a aproximação entre psicanálise e função poética da linguagem. Em vez de reduzir a experiência verbal à transmissão de conteúdos, trata-se de considerar o valor da sonoridade, do ritmo, da letra e das descontinuidades do dizer. Figueiredo (2018) observa, a esse respeito, que a interpretação poética pode "suspender o sentido na experiência de análise" (Figueiredo, 2018, p. 76), o que indica um modo de intervenção que não fecha o enigma, mas o relança. Em paralelo, Jakobson (2010) compreende que a função poética não se confina ao gênero poesia, pois ela intensifica a palpabilidade dos signos e desloca a atenção para a própria organização da mensagem, aspecto fundamental para pensar a ressonância do significante na clínica e na leitura literária. Desse modo, a poesia interessa aqui como experiência de linguagem capaz de tocar o real precisamente no ponto em que o sentido se rarefaz e a palavra deixa aparecer sua espessura material.

No caso da poesia concreta, essa discussão ganha maior precisão, uma vez que o trabalho verbal se faz simultaneamente visual, sonoro e espacial. Corgosinho (2011), ao articular a poesia concreta com a teoria lacaniana, sustenta que ela promove um avanço "desfazendo a clássica disjunção colocada entre elas" (Corgosinho, 2011, p. 11), referindo-se à linguagem topológica e à poética. A autora mostra que o poema concreto se organiza como signo verbivocovisual, isto é, como composição em que os registros verbal, vocal e visual não aparecem hierarquizados, mas enodados num mesmo ato de linguagem. Essa formulação é especialmente fecunda para este artigo, pois permite pensar que determinadas formas poéticas não apenas representam conteúdos, mas produzem uma experiência de leitura em que o sujeito é confrontado com a materialidade da língua, com a abertura da obra e com aquilo que escapa à representação linear.

É nesse quadro que se insere o presente estudo, cujo objetivo é discutir a relação entre poesia e psicanálise a partir da teoria de Jacques Lacan, tomando como eixo a noção de verdade e sua articulação com a linguagem. Parte-se da hipótese de que o uso poético da língua, entendido como operação sobre o significante e não como ornamento retórico, constitui via privilegiada para evidenciar efeitos de verdade que escapam ao domínio do saber totalizante. A relevância do tema reside, portanto, em contribuir para um campo interdisciplinar em que teoria literária e psicanálise podem dialogar sem que uma reduza a outra: de um lado, evita-se ler o texto poético como simples documento do inconsciente; de outro, evita-se converter a psicanálise em chave hermenêutica fechada para decifrar a

literatura. A ênfase recai, antes, na função poética como possibilidade de escuta, de deslocamento e de elaboração do indizível.

Quanto aos materiais e métodos, trata-se de pesquisa teórica, qualitativa e bibliográfica, de caráter interpretativo-conceitual. O corpus é constituído por textos de Jacques Lacan sobre verdade, letra, escrita e linguagem, bem como por estudos críticos que examinam a interpretação poética na clínica lacaniana e a interlocução entre poesia concreta e psicanálise, com destaque para Figueiredo (2018) e Corgosinho (2011). O procedimento metodológico compreendeu levantamento bibliográfico, seleção de obras segundo pertinência temática e respaldo acadêmico, leitura analítica e fichamento dos conceitos centrais. Em seguida, realizou-se articulação hermenêutica dos referenciais em torno de quatro operadores: verdade, linguagem, interpretação poética e real. Não se buscou analisar exaustivamente poemas específicos, mas compreender como certas formulações poéticas oferecem um modelo teórico para pensar intervenções que operam pelo equívoco, pela letra e pela suspensão da significação. Assim, o método adotado privilegia a consistência conceitual e o exame crítico das fontes, a fim de demonstrar que, em perspectiva lacaniana, a poesia não é apenas objeto de leitura, mas também paradigma de um dizer capaz de fazer emergir a verdade do sujeito em sua dimensão não-toda.

1. Marco teórico

A relação entre psicanálise e poesia não constitui um enxerto tardio na tradição freudiana e lacaniana, mas um traço estrutural de sua formação. Desde Freud, a literatura comparece menos como ornamento cultural do que como campo de inteligibilidade do sujeito. Ao aproximar o poeta, o sonhador e a criança, Freud abriu uma via decisiva para pensar a criação verbal como trabalho de condensação, deslocamento, figurabilidade e invenção de forma. Nesse horizonte, a arte não é simples objeto a ser explicado por uma teoria externa; ao contrário, ela antecipa e tensiona o próprio saber psicanalítico. Não por acaso, estudos posteriores insistem que “a arte e a literatura encontram-se nos pilares da construção psicanalítica”, precisamente porque forneceram à psicanálise uma gramática privilegiada para lidar com o inconsciente, com a fantasia e com a emergência do desejo (Morais, 2006, p. 46). Essa filiação importa porque impede que a leitura psicanalítica da poesia se reduza a um psicologismo do autor ou a uma chave alegórica de interpretação do

poema. O que está em jogo, desde o início, é uma afinidade de operação: tanto a poesia quanto o inconsciente trabalham por desvios, cortes, sobreposições e restos de linguagem.

Com Lacan, essa afinidade torna-se mais radical. Se Freud mostrou que o inconsciente fala, Lacan demonstrou que ele fala como linguagem e, mais tarde, que ele também insiste como escrita, como letra, como *lalíngua* e como gozo incrustado no significante. O deslocamento é decisivo. A linguagem deixa de ser pensada apenas como meio de comunicação para ser tomada como o lugar em que o sujeito se divide, se perde e se produz. Nesse contexto, a verdade deixa de se confundir com adequação ou revelação plena: ela comparece como semi-dizer, como efeito precário e jamais totalizável. Em formulação célebre, Lacan afirma que "a verdade vem reforçar ali a estrutura de ficção" (Lacan, 2003, p. 24), o que não rebaixa a verdade a mero artifício, mas indica que ela só emerge nas tramas simbólicas, nas torções da fala e nas ficções que estruturam a experiência humana. Por isso, a verdade analítica não coincide com transparência, e a interpretação não se mede por clareza explicativa, mas por sua capacidade de tocar o ponto em que o sujeito é excedido pelo que diz.

É nesse ponto que a poesia deixa de ser apenas um objeto de comentário e passa a operar como paradigma. A psicanálise lacaniana encontra na poesia um modelo de funcionamento da linguagem que interessa diretamente à clínica: um dizer que não se limita a informar, mas produz ressonância, desloca sentidos e faz aparecer o que o discurso ordinário recalca ou adormece. Figueiredo (2018) mostra que a interpretação poética, no campo lacaniano, visa ao sentido sem se confundir com a significação estabilizada; ela trabalha no intervalo entre som e sentido, entre matema e poema, circunscrevendo "uma verdade não-toda e poética" (Figueiredo, 2018, p. 67). O mérito dessa formulação está em recolocar a interpretação fora do ideal hermenêutico de totalidade. A leitura analítica não se propõe a fechar o enigma do sujeito; ela o sustenta no ponto em que o significante falha, vacila, tropeça e, justamente aí, produz verdade. O texto poético torna-se, então, menos um reservatório de símbolos e mais um laboratório da equivocação, no qual a palavra vale por sua densidade sonora, rítmica e material.

Essa concepção reposiciona também a noção de interpretação. Em muitas tradições críticas, interpretar significa explicar, traduzir ou reconduzir o texto a uma rede estável de significados. No ensino lacaniano, porém, a interpretação eficaz é aquela que fende o discurso e o desautomatiza. Fernandes (2012), ao retomar o último ensino de Lacan, observa que a interpretação convoca uma arte poética tanto do analisando quanto do analista, porque

lida com o que no inconsciente insiste e não cessa de não se escrever. A autora destaca uma formulação forte: “somente a poesia permite a interpretação” (Fernandes, 2012, p. 57). Essa frase não deve ser entendida em chave romântica. Ela indica, antes, que a interpretação analítica opera por recursos análogos aos da poesia: metáfora, metonímia, homofonia, corte, condensação, suspensão do saber e exploração do equívoco. Em vez de conduzir o sujeito ao conforto de uma tradução acabada, a interpretação o recoloca diante da estranheza da própria fala.

O papel do equívoco, nesse cenário, é central. A linguagem não vale apenas pelo que significa, mas pelo que faz soar, pelo que duplica, pelo que embaralha e pelo que permite entrever fora do regime unívoco do sentido. A importância da função poética, nesse ponto, aproxima Lacan de uma tradição linguística que já havia reconhecido que a forma da mensagem participa intensamente da produção de seus efeitos. Entretanto, na psicanálise, a questão é ainda mais incisiva: a forma não apenas intensifica o sentido, mas pode suspendê-lo e recolocar o sujeito em relação com um resto que não se deixa simbolizar por completo. Figueiredo (2018) insiste que o recurso lacaniano à poesia chinesa, ao vazio mediano e à tensão entre matema e poema serve para pensar justamente essa ultrapassagem da significação fálica. A verdade, aí, não se fixa; ela reverbera. Em consequência, a poesia interessa não porque diga mais claramente, mas porque diz de modo a produzir um excesso de linguagem sobre o sentido.

Esse deslocamento pode ser melhor compreendido quando se observam os grandes marcos internos da própria psicanálise. Em Freud, a interpretação está fortemente vinculada ao decifrамento do sonho, do sintoma, do ato falho e do chiste; em Lacan, sobretudo a partir dos anos 1950, a formalização do inconsciente como linguagem reforça o papel da cadeia significante; a partir dos anos 1970, porém, a ênfase se move em direção à letra, à escrita, à *lalíngua* e ao real. Ratti e Estevão (2014) mostram que o interesse de Lacan pela cultura e pela língua chinesa acompanha essa inflexão de modo decisivo. Ao retomar o Seminário 18, os autores assinalam que Lacan chega a declarar: “Percebi uma coisa: é que talvez eu só seja lacaniano por ter estudado chinês no passado” (Lacan, 2009a apud Ratti; Estevão, 2014, p. 396). A frase é mais que anedótica. Ela condensa um ponto teórico: o estudo da escrita chinesa ofereceu a Lacan um apoio privilegiado para pensar uma linguagem menos submetida à linearidade fonocêntrica e mais sensível à espessura gráfica, à espacialidade e à opacidade da letra.

A entrada da escrita chinesa nesse debate exige, portanto, um breve deslocamento para a história da poesia chinesa. No campo dos estudos literários, a tradição poética chinesa é frequentemente descrita como uma das mais contínuas e antigas do mundo, com forte permanência de formas clássicas e intensa articulação entre caligrafia, visualidade, música e pensamento. Em língua portuguesa, a recepção ainda é relativamente escassa, e a maior parte das traduções concentra-se na poesia clássica, abrangendo textos que vão de cerca do século X a.C. até o século XVII, com especial destaque para a era Tang (Barba, 2013). Esse dado é importante porque mostra que, quando Lacan evoca a escrita poética chinesa, ele não convoca uma alteridade exótica qualquer, mas um regime histórico de escrita em que poema, traço e pensamento se entrelaçam de forma particularmente densa.

No interior dessa longa tradição, a dinastia Tang (618–907) costuma aparecer como marco maior, uma espécie de idade de ouro da poesia chinesa. Estudos de tradução e crítica indicam que, nesse período, alcançam grande elaboração formal categorias como paralelismo, condensação imagética, harmonização sonora e equilíbrio entre rigor estrutural e liberdade de sugestão. Portugal (2013) sublinha que a poesia clássica chinesa, especialmente a tang, intensifica a visualidade, o movimento e a musicalidade já inscritos na própria escrita, de modo que o texto frequentemente se aproxima das artes plásticas e da música. Em suas palavras, trata-se de uma poesia em que se acentuam “a visualidade, movimento e musicalidade intrínsecos ao caractere chinês” (Portugal, 2013, p. 124). Não se trata, assim, de uma poesia fundada apenas na linearidade semântica do verso, mas de uma arquitetura verbal em que a disposição dos signos, o paralelismo sintático, o peso tonal e a economia imagética constituem o próprio acontecimento do poema.

A relevância da poesia tang para este debate não é apenas histórica, mas também formal. Em autores como Li Bai, Du Fu e Wang Wei, frequentemente tratados como grandes marcos da tradição, a imagem não funciona como mera ilustração de uma ideia. Ela nasce de condensações rápidas, relações oblíquas, mínimos deslocamentos e forte atenção ao instante. O poema não se organiza pela explicação, mas pela sugestão e pelo vazio operante entre as imagens. Bonadio (2013), ao comentar Du Mu, mostra que traços associados à sobriedade, à melancolia sem azedume e à alegria interior participam de uma poética em que o gesto mínimo pode carregar grande densidade afetiva e histórica. Já a recepção de Li Bai e Du Fu em português enfatiza, de modos diversos, tanto o brilho imagético quanto o valor histórico da poesia: Du Fu, por exemplo, é por vezes lido como aquele em cujos versos a história ganha forma poética; Li Bai, como voz de intensa plasticidade e imaginação. Esses

elementos interessam porque ajudam a compreender por que a tradição chinesa ofereceu a Lacan mais do que um repertório cultural: ofereceu-lhe uma cena de escrita em que a letra não se subordina inteiramente à fala.

É precisamente essa diferença entre fala e escrita que se torna central no último ensino de Lacan. Andrade (2017) observa que a referência lacaniana à escrita poética chinesa se articula a uma crítica da fala como dito que adormece. Se a fala tende a se deixar capturar pela ilusão comunicativa e pela saturação imaginária do sentido, a escrita poética, sobretudo quando pensada a partir do modelo chinês, pode despertar para outra lógica: a de uma inscrição que não se esgota no lido nem no significado. O autor sintetiza esse ponto ao afirmar que a interpretação pode ser pensada a partir de "uma escrita que não é para ser lida" (Andrade, 2017, p. 9). Mais adiante, ele mostra que uma escrita pode existir sem ter sido feita primariamente para comunicar, o que desloca a clínica de um ideal de legibilidade total. Nessa chave, interpretar não é simplesmente ler melhor, mas aprender a ler de outro modo, apoiando-se na escrita como lugar em que algo insiste para além do sentido manifesto.

Essa passagem da fala à escrita, contudo, não implica abandonar a dimensão sonora da língua. Ao contrário, a psicanálise lacaniana mostra que a escrita interessa exatamente porque recolhe e fixa os efeitos de *lalíngua*: seus ecos, homofonias, tropeços e condensações de gozo. O que muda é que a escrita deixa de ser pensada como simples transcrição da fala. Ratti e Estevão (2014) observam que, na escrita chinesa, a relação entre caractere, som e unidade de sentido não se confunde com o modelo ocidental alfabético; por isso mesmo, ela ofereceu a Lacan uma via para repensar a letra como marca do sujeito e como operador clínico. Os autores também recordam que, nesse sistema, a caligrafia, o traço e a espacialidade não são acidentes periféricos, mas componentes constitutivos da experiência textual. Essa consideração é extremamente fecunda para a psicanálise, porque permite conceber o inconsciente não apenas como encadeamento significante, mas como inscrição, recorte e marca. O sintoma, nesse sentido, passa a ser lido não só pelo que significa, mas pelo modo como se escreve.

O interesse de Lacan pela China deve ser compreendido, portanto, em registro rigorosamente teórico. Não se trata de um elogio difuso ao Oriente, mas de uma operação conceitual que busca, na alteridade do sistema de escrita chinês, uma maneira de deslocar o privilégio da fala e do significado. Essa operação repercute diretamente na clínica, uma vez que a interpretação deixa de visar prioritariamente à revelação de um conteúdo oculto e passa a valorizar os efeitos de corte, ressonância e reinscrição. Figueiredo (2018) nota que Lacan,

ao recorrer à escrita poética chinesa, quer fazer ressoar algo além do sentido, isto é, tocar um ponto em que a verdade não se deixa capturar nem pela fantasia nem pela significação fálica. A clínica, nessa chave, aproxima-se da poesia justamente porque precisa sustentar o que escapa à representação, sem precipitar esse resto numa explicação totalizante.

A importância da poesia para a psicanálise também se esclarece quando se observa a diferença entre sentido e significação. Na leitura comum, tende-se a pensar que um texto vale por aquilo que "quer dizer". Já na experiência poética, e de modo análogo na experiência analítica, o que importa muitas vezes é menos o conteúdo declarativo do que a produção de um efeito. Carvalho (2019), ao discutir a enunciação do analista como tradução poética, mostra que a interlocução entre poesia concreta e técnica lacaniana permite pensar a interpretação como trabalho de roçar *lalíngua*, isto é, de tocar a zona em que o significante não serve apenas para representar, mas para produzir corte e deslocamento subjetivo. Essa aproximação é valiosa porque impede reduzir a poesia a um belo dizer e a psicanálise a uma ciência do significado. Ambas, quando levadas ao seu ponto mais consequente, confrontam o sujeito com o caráter falho, inventivo e não inteiramente domesticável da linguagem.

Nesse percurso, a poesia concreta brasileira ocupa uma posição particularmente estratégica. Embora o foco deste estudo recaia na articulação entre psicanálise e poesia chinesa, a mediação concretista é relevante porque foi justamente ela que, no Brasil, traduziu e radicalizou a atenção à visualidade, à espacialidade da página, à síntese verbal e ao signo verbivocovisual. Corgosinho (2011) mostra que o poema concreto, lido em interlocução com Lacan, pode ser pensado como prática em que os signos verbal, vocal e visual se enodam, desfazendo a antiga disjunção entre topologia e poesia. Essa formulação aproxima a experiência moderna brasileira de uma intuição que já se encontra, em outro regime histórico, na poesia chinesa: a de que o poema não é apenas sequência de palavras, mas campo de forças entre traço, som, espaço e endereçamento. Tal aproximação não pretende homogeneizar tradições distintas; seu valor consiste em evidenciar como diferentes poéticas podem descentrar a soberania do sentido contínuo e abrir a linguagem para o real.

O real, aqui, precisa ser entendido em acepção lacaniana: não como realidade empírica, mas como aquilo que resiste à simbolização completa. É exatamente por isso que a poesia interessa tanto. Ela não resolve o real; ela o circunda. Pela imagem súbita, pela interrupção, pela sonoridade, pela montagem e pelo vazio entre os elementos, o poema toca aquilo que não se deixa dizer diretamente. Em sua inflexão clínica, essa operação tem consequências éticas. Interpretar poeticamente não significa estetizar o sofrimento nem

adornar a escuta; significa recusar a violência de um saber que se pretende pleno. A interpretação poética vale porque preserva o furo. Ela não entrega ao sujeito uma verdade pronta; antes, cria condições para que algo de sua verdade se destaque na experiência da linguagem. Nesse ponto, a frase de Lacan retomada por Figueiredo torna-se decisiva: “Não há verdade que, ao passar pela atenção, não minta” (Lacan, 2003, p. 567). A verdade comparece, portanto, sempre atravessada pela mentira estrutural do significante, e é justamente por isso que precisa ser escutada em sua dimensão de resto, desvio e não-todo.

À luz dessas formulações, o diálogo entre psicanálise e poesia chinesa permite reunir três linhas teóricas fundamentais. A primeira é histórica: a poesia chinesa oferece um dos mais longevos e sofisticados laboratórios de articulação entre escrita, imagem, som e pensamento, com especial densidade na tradição clássica e, notadamente, na dinastia Tang. A segunda é conceitual: a escrita chinesa ajuda a deslocar a psicanálise de um modelo centrado apenas na linguagem como comunicação para uma teoria da letra, da inscrição e da opacidade do signo. A terceira é clínica: a interpretação, quando pensada poeticamente, deixa de ser tradução totalizante do sentido e passa a funcionar como corte, ressonância e leitura de outro modo. Nesse arranjo, o poema não é um adorno da teoria, mas um operador crítico que ensina a escutar o que na linguagem excede a intenção, a consciência e o saber. É justamente nesse excedente que a psicanálise encontra a poesia, e que a poesia, por sua vez, deixa entrever a verdade do sujeito em sua forma mais fina: não a do esclarecimento completo, mas a da reverberação do indizível.

2. Resultados e Discussões

A análise do material bibliográfico permitiu identificar que a aproximação entre psicanálise e poesia chinesa não se sustenta em uma analogia superficial entre campos distintos, mas em uma convergência estrutural em torno da linguagem, da verdade e dos limites da representação. O principal achado da pesquisa foi o reconhecimento de que a poesia, especialmente quando observada a partir da tradição chinesa e da leitura lacaniana da escrita, oferece um modelo privilegiado para pensar modos de enunciação que escapam à lógica da significação plena. Nesse sentido, verificou-se que a contribuição da poesia chinesa para o debate psicanalítico não reside apenas em sua dimensão estética ou histórica, mas em sua capacidade de evidenciar a materialidade da letra, a economia do vazio e a abertura do dizer ao que não se deixa capturar inteiramente pelo saber.

Um primeiro resultado relevante diz respeito à reformulação da noção de interpretação. A leitura do corpus mostrou que, no campo lacaniano, a interpretação se afasta progressivamente da ideia de decifração totalizante, orientada pela revelação de um conteúdo oculto, e se aproxima de uma prática mais atenta ao equívoco, ao corte, à sonoridade e à incidência material do significante. Nessa perspectiva, a poesia chinesa surge como interlocutora fecunda porque sua tradição escrita e poética valoriza justamente uma forma de expressão que não se esgota na linearidade discursiva. A condensação imagética, a articulação entre visível e dizível, a sugestão e a função estruturante do vazio mostram que o poema não comunica apenas um conteúdo, mas produz uma experiência de linguagem. Esse dado se mostrou convergente com a hipótese central da pesquisa: a de que a verdade, em psicanálise, não se manifesta como completude semântica, mas como efeito parcial e não totalizável da linguagem (Figueiredo, 2018).

Outro achado importante foi a constatação de que a escrita chinesa, tal como lida por Lacan e por comentadores de seu ensino, desloca a primazia ocidental da fala e reforça a importância da letra como inscrição. A pesquisa evidenciou que esse deslocamento tem consequências diretas para a clínica e para a teoria. Ao considerar a escrita não como mero registro secundário da fala, mas como espaço próprio de operação do significante, Lacan amplia o entendimento do inconsciente para além da cadeia discursiva ordinária. Nesse contexto, a poesia chinesa aparece como um campo privilegiado porque nela a visualidade do caractere, a espacialidade da escrita e a densidade do traço não são elementos acessórios, mas constitutivos da produção de sentido e de seus limites. Os estudos consultados mostraram que esse aspecto permitiu a Lacan pensar a linguagem em termos menos comunicacionais e mais próximos da inscrição, da marca e do resto, o que se articula diretamente à noção de real como aquilo que resiste à simbolização plena (Ratti; Estevão, 2014; Andrade, 2017).

A pesquisa também revelou que a tradição poética chinesa, sobretudo em sua vertente clássica, oferece uma elaboração singular da relação entre forma, imagem e silêncio. Em vez de desenvolver uma poética fundada na expansão explicativa do discurso, essa tradição frequentemente opera por síntese, sugestão e suspensão. Esse funcionamento mostrou-se teoricamente produtivo para a psicanálise, pois reforça a ideia de que o mais decisivo na linguagem nem sempre está no que ela afirma diretamente, mas no que ela deixa reverberar. A economia verbal, a intensidade do intervalo e a importância do vazio, recorrentes na poesia chinesa, aproximam-se da lógica lacaniana segundo a qual o sujeito não se revela por

transparência, mas nos tropeços e nas fissuras do dizer. Desse modo, verificou-se que a poesia chinesa não apenas ilustra conceitos psicanalíticos, mas contribui para tornar pensável uma concepção de linguagem em que o não-dito tem função estruturante (Portugal, 2013; Barba, 2013).

No plano conceitual, os resultados indicaram que a noção de verdade constitui um dos pontos mais consistentes de interlocução entre os dois campos. A verdade, na teoria lacaniana, não se apresenta como adequação entre linguagem e realidade, mas como semi-dizer, como emergência parcial que se sustenta justamente no ponto em que o discurso falha. Ao ser posta em diálogo com a poesia chinesa, essa formulação ganha nova espessura, uma vez que a tradição poética chinesa trabalha intensamente com o sugestivo, com a imagem não exaustiva e com o valor do intervalo. O resultado desse encontro é a possibilidade de pensar a poesia como uma experiência em que a verdade não se impõe como conceito fixo, mas como ressonância. Assim, os achados reforçam que a função poética da linguagem pode operar, no campo psicanalítico, como via de acesso a uma verdade não toda, não estabilizada e não redutível ao regime do significado unívoco (Figueiredo, 2018; Carvalho, 2019).

Além disso, o estudo permitiu identificar que a interlocução entre psicanálise e poesia chinesa recoloca em novos termos a distinção entre sentido e significação. Os textos analisados mostraram que, tanto na experiência poética quanto na clínica, a eficácia da linguagem não depende apenas da inteligibilidade do que é dito, mas do modo como o dizer incide sobre quem escuta ou lê. A poesia chinesa evidenciou, nesse aspecto, uma linguagem capaz de operar por deslocamentos sutis, em que o efeito não decorre de uma mensagem conceitualmente encerrada, mas da relação entre imagem, ritmo, pausa e estrutura verbal. Em paralelo, a psicanálise lacaniana demonstrou que a interpretação não se reduz à explicação de um conteúdo, mas pode funcionar como intervenção que desautomatiza a fala e recoloca o sujeito diante do enigma de sua própria enunciação. Como resultado, consolidou-se a compreensão de que ambos os campos compartilham uma mesma recusa ao fechamento pleno do sentido.

Também se verificou que a aproximação com a poesia chinesa contribui para ampliar o debate sobre a dimensão ética da interpretação. Ao valorizar formas de linguagem que não se organizam pela imposição de um significado definitivo, a leitura lacaniana encontra na poesia um modelo de escuta menos violento e menos submetido à vontade de domínio do saber. Isso significa que a interpretação, quando inspirada na lógica poética, não busca dominar o texto, o sujeito ou o sintoma, mas criar condições para que algo singular se

destaque. Os resultados mostram, portanto, que a poesia chinesa não interessa apenas como repertório formal, mas como experiência de linguagem que ensina a sustentar o indeterminado, o intervalo e o não saturado. Tal aspecto se mostrou especialmente relevante para o objetivo deste artigo, pois confirma que a aproximação entre poesia e psicanálise implica não apenas um diálogo teórico, mas uma determinada ética da leitura e da escuta (Andrade, 2017; Fernandes, 2012).

Por fim, os achados permitiram concluir que a poesia chinesa oferece à psicanálise um horizonte privilegiado para pensar a linguagem em sua espessura material, visual e intervalar, enquanto a psicanálise oferece à leitura da poesia instrumentos para compreender a incidência subjetiva dessa materialidade. O diálogo entre ambas revelou que o poema pode ser entendido como espaço de emergência de uma verdade que não se organiza pelo domínio conceitual, mas pela reverberação do indizível. Em consequência, os resultados confirmam a hipótese de que a função poética da linguagem constitui, para a teoria lacaniana, não um campo periférico, mas um operador decisivo para compreender a relação entre sujeito, verdade e real.

3. Implicações clínicas

As implicações clínicas da interlocução entre psicanálise e poesia chinesa não se situam no plano da aplicação instrumental de textos poéticos ao tratamento, como se o poema pudesse funcionar, por si, como técnica terapêutica. Em perspectiva lacaniana, o ponto decisivo está menos no uso direto da poesia em sessão do que naquilo que certas formas poéticas ensinam sobre a linguagem, a interpretação e a escuta. Nesse sentido, a poesia chinesa contribui para repensar a clínica ao deslocar o privilégio da explicação e ao valorizar a inscrição, o vazio, a condensação e a ressonância do significante. A consequência clínica desse deslocamento é importante: a interpretação deixa de ser concebida como tradução completa de um conteúdo oculto e passa a operar como intervenção que toca o sujeito no ponto em que o sentido vacila.

Esse primeiro desdobramento se articula à concepção lacaniana de verdade como semi-dizer. Se a verdade não comparece como totalidade revelável, a clínica não pode orientar-se por um ideal de esclarecimento pleno. Figueiredo (2018) demonstra que a interpretação poética, em Lacan, interessa justamente por circunscrever uma verdade parcial, não toda, que emerge no intervalo entre o que se diz e o que escapa ao dizer. Em termos

clínicos, isso implica reconhecer que nem sempre a intervenção mais fecunda é a que explica mais, mas a que produz deslocamento. A escuta analítica, por essa via, aproxima-se da experiência poética porque se orienta pelo equívoco, pela polissemia, pela sonoridade e pela materialidade verbal, e não apenas pela mensagem manifesta do discurso.

A poesia chinesa reforça esse ponto ao oferecer uma tradição em que a força do texto não depende da saturação do sentido. Sua economia verbal, sua alta densidade imagética e o papel estruturante do vazio mostram que o poema pode operar menos pela explicação do que pela sugestão e pela abertura. Andrade (2017), ao retomar a referência de Lacan à escrita poética chinesa, mostra que ela permite pensar "uma escrita que não é para ser lida" (Andrade, 2017, p. 9), isto é, uma escrita cuja eficácia não se reduz à decodificação semântica. Clinicamente, tal formulação é relevante porque desloca o analista da tentação de transformar toda fala em conteúdo a ser traduzido. Em vez disso, a escuta pode se voltar para a forma do dizer, para suas interrupções, repetições, cortes e ressonâncias, considerando que o sujeito também se inscreve naquilo que não domina inteiramente.

Desse modo, uma primeira implicação clínica consiste em redefinir a função da interpretação. Em vez de se organizar como decifração linear, a interpretação pode ser pensada como ato de pontuação. Ela intervém não para completar a fala do analisando, mas para produzir uma torção nela. Fernandes (2012) sustenta que, no último ensino de Lacan, a poesia se torna modelo privilegiado da interpretação porque trabalha com a equivocidade da língua e com a abertura do sentido. Quando a autora afirma que "somente a poesia permite a interpretação" (Fernandes, 2012, p. 57), o que se destaca não é uma estetização da clínica, mas a ideia de que a interpretação eficaz precisa operar por corte, condensação e surpresa. Tal orientação clínica encontra forte afinidade com a tradição poética chinesa, na medida em que nela o não dito, a pausa e a sugestão possuem valor estruturante.

Uma segunda implicação clínica diz respeito ao estatuto do vazio. Na poesia chinesa, o vazio não equivale à ausência improdutiva; ele participa da organização do sentido, da circulação das imagens e da respiração do poema. Esse dado, quando lido em interlocução com a psicanálise, permite valorizar clinicamente os intervalos da fala, os silêncios, as suspensões e aquilo que não deve ser imediatamente preenchido pela interpretação do analista. Em uma clínica orientada pelo saber totalizante, o silêncio tende a ser percebido como falha ou resistência a ser superada. Já numa clínica sensível à função poética da linguagem, o silêncio pode ser acolhido como espaço de elaboração e como índice de que algo do real está em jogo. Andrade (2017) e Xavier (2020) ajudam a compreender que o

interesse lacaniano pela escrita chinesa passa exatamente por esse deslocamento: não se trata apenas do que a letra representa, mas do que ela deixa em aberto.

Uma terceira implicação clínica recai sobre a materialidade da linguagem. A aproximação com a escrita chinesa foi relevante para Lacan porque permitiu pensar a letra para além de seu valor fonético ou comunicacional. Ratti e Estevão (2014) mostram que a letra chinesa, em interlocução com a clínica lacaniana, favorece uma reflexão sobre marca, traço e inscrição. Isso tem efeitos importantes para a escuta analítica, pois conduz a uma atenção mais rigorosa às repetições sonoras, aos trocadilhos, às homofonias, aos lapsos e às escolhas verbais do sujeito. Nessa perspectiva, o analista não escuta apenas o que o paciente quis dizer, mas também o que sua fala faz soar. O sintoma, então, não aparece somente como mensagem a ser interpretada, mas como escrita singular do gozo, como forma de inscrição subjetiva.

Essa inflexão permite compreender por que a poesia pode oferecer um horizonte clínico sem se converter em técnica. Carvalho (2019) observa que a enunciação do analista, quando pensada em chave poética, não visa adornar o discurso, mas operar uma tradução que toque *lalíngua*, isto é, a dimensão material e contingente da língua na qual o sujeito se enreda. A relevância clínica dessa formulação está em sustentar que a interpretação precisa conservar algo da opacidade da linguagem, sem reduzi-la a um conteúdo inteligível e pacificado. Em outras palavras, a clínica se beneficia da poesia não porque deva se tornar literária, mas porque precisa preservar a potência de deslocamento do significante.

Também no campo das psicoses essa aproximação se mostra fecunda. Souza (2020) indica que o trabalho da poesia pode abrir vias de elaboração quando a linguagem não se estabiliza plenamente no regime do sentido compartilhado. Nesses casos, a poesia não aparece como recurso decorativo, mas como modo de sustentar formas de amarração e invenção. Tal dado não autoriza generalizações técnicas, mas reforça a ideia de que a linguagem poética pode iluminar modos de escuta menos normativos e menos subordinados à coerência discursiva.

Por fim, convém assinalar um limite. A interlocução com a poesia chinesa não fornece um método clínico aplicável de forma direta, nem substitui a especificidade da escuta psicanalítica. Sua contribuição é mais rigorosa e mais sutil: ela oferece um modelo formal e ético para pensar a interpretação. Figueiredo (2018) mostra que a aproximação entre poesia e psicanálise recoloca a verdade no campo da ressonância, e não da revelação plena. Assim, a principal implicação clínica desta perspectiva consiste em sustentar uma escuta

capaz de acolher o equívoco, o intervalo e a materialidade do dizer, sem violentar o sujeito com a imposição de um saber fechado. Nessa direção, a poesia chinesa não se apresenta como técnica de cura, mas como horizonte crítico que ajuda a pensar uma clínica menos explicativa, mais precisa na pontuação e mais comprometida com a singularidade da fala.

Considerações Finais

A investigação desenvolvida ao longo deste estudo permitiu reconhecer que a aproximação entre poesia e psicanálise, quando pensada a partir da teoria de Jacques Lacan, não constitui apenas um encontro temático entre dois campos do saber, mas uma convergência mais profunda em torno da linguagem, da verdade e dos limites da representação. Ao tomar a poesia não como objeto passível de mera decifração, mas como experiência que tensiona o significante e faz ressoar aquilo que escapa ao domínio do sentido estável, tornou-se possível compreender que a função poética da linguagem ocupa lugar decisivo para a reflexão psicanalítica.

O percurso teórico realizado mostrou que, no ensino lacaniano, a verdade não se oferece como conteúdo inteiramente apreensível, nem se deixa reduzir a uma correspondência transparente entre palavra e realidade. Ela comparece de forma parcial, oblíqua, muitas vezes no intervalo entre o dito e o não dito, no tropeço da fala, na fratura do sentido e na materialidade mesma da linguagem. Foi precisamente nesse ponto que a poesia se revelou um interlocutor privilegiado da psicanálise. Sua capacidade de operar por condensação, deslocamento, ritmo, sonoridade, imagem e silêncio permitiu evidenciar que há modos de dizer que não explicam o real, mas o circundam; não o capturam, mas deixam entrever sua incidência.

A análise da poesia chinesa aprofundou essa hipótese de maneira particularmente fecunda. Sua tradição, marcada pela força do traço, pela densidade imagética, pela economia verbal e pela importância estruturante do vazio, ofereceu um campo singular para pensar a linguagem para além do modelo linear e estritamente comunicacional. Em diálogo com as formulações de Lacan sobre a letra, a escrita e a interpretação, verificou-se que a poesia chinesa não interessa apenas como referência cultural, mas como experiência formal capaz de deslocar o olhar teórico para uma concepção de linguagem em que o espaço, a pausa, a inscrição e o intervalo também produzem efeitos de verdade. Nesse sentido, ela permitiu

recolocar a questão do sujeito não no plano de uma identidade estável, mas no daquilo que se escreve, se apaga, se interrompe e insiste.

Os resultados obtidos também indicaram que a interlocução entre psicanálise e poesia chinesa possui consequências importantes para o campo clínico, desde que tratadas com o rigor necessário. Não se trata de converter a poesia em técnica terapêutica, nem de propor uma aplicação imediata de textos poéticos ao *setting* analítico. A contribuição mais consistente dessa aproximação reside em oferecer uma chave para pensar a interpretação como pontuação, corte, ressonância e escuta do equívoco. A clínica, sob essa perspectiva, ganha em precisão justamente quando renuncia à pretensão de explicar tudo. O valor da poesia, nesse contexto, está em ensinar uma ética da linguagem: escutar sem saturar, interpretar sem fechar, sustentar o intervalo sem precipitar o sujeito em significações prontas.

Ao mesmo tempo, o estudo permitiu reconhecer alguns limites. A bibliografia especificamente voltada à articulação entre poesia chinesa e aplicação clínica em psicanálise ainda é restrita, o que exige cautela na formulação de generalizações. Há, sem dúvida, um campo promissor de investigação, mas ele ainda demanda aprofundamento, especialmente em trabalhos que examinem mais diretamente os efeitos da escrita, da leitura e da função poética em experiências clínicas concretas, sem perder de vista a especificidade do referencial psicanalítico. Esse limite, porém, não enfraquece os resultados alcançados; ao contrário, indica a vitalidade do problema e abre novas possibilidades de pesquisa.

Diante disso, pode-se concluir que a poesia, em especial a poesia chinesa, oferece à psicanálise um horizonte crítico e conceitual de grande alcance. Ela não entrega respostas prontas, mas torna mais nítido o lugar em que a linguagem falha, excede a intenção e produz subjetividade. Ao lado disso, a psicanálise oferece à leitura da poesia instrumentos para pensar a incidência do indizível, da letra e do real na experiência estética. O diálogo entre ambas, portanto, não se esgota em analogias; ele revela uma afinidade de estrutura. É nesse ponto que a contribuição deste estudo se situa: mostrar que, entre poema e interpretação, entre escrita e escuta, entre verdade e linguagem, existe um campo de reverberação mútua no qual o sujeito pode ser pensado com maior complexidade, sem ser reduzido nem ao sentido nem ao saber.

Em última instância, o que este percurso torna visível é que há formas de linguagem que não se deixam medir pela clareza com que comunicam, mas pela intensidade com que

fazem surgir aquilo que não encontrava lugar no discurso ordinário. É nessa abertura, ao mesmo tempo estética e ética, que poesia e psicanálise se encontram.

Referências

ANDRADE, Cleyton. Da poesia dita que adormece e da escrita poética chinesa que desperta. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 9-29, dez. 2017. DOI: 10.71101/rtp.49.236. Disponível em: https://www.tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/236. Acesso em: 5 maio 2026.

BARBA, Milena de Moura. Poemas de Zang Kejia e Ai Qing. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 14, p. 223-236, 2013. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i14p223-236. Disponível em: https://revistas.usp.br/clt/article/view/97025. Acesso em: 5 maio 2026.

BONADIO, Italia. *Qīngmíng – A Pura Claridade*. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 14, p. 201-207, 2013. Disponível em: https://revistas.usp.br/clt/article/viewFile/97021/96054. Acesso em: 5 maio 2026.

CARVALHO, Maura Cristina de. A enunciação do analista como (tradução) poética: um percurso pela poesia concreta para roçar *lalíngua* da técnica lacaniana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 219-227, maio/ago. 2019. DOI: 10.1590/1809-44142019002009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/agora/a/g6SqdXfm8xjZbV34KsqDGvz/?lang=pt. Acesso em: 5 maio 2026.

CORGOSINHO, Rosângela Ramos. *O poema concreto e a contribuição de Lacan: a não-relação endereçada*. 2011. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/items/a854d500-278c-444d-b3bb-959a27ffff3f. Acesso em: 5 maio 2026.

FERNANDES, Andréa Hortélio. Interpretação: arte poética com *alíngua*. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 57-64, jun. 2012. DOI: 10.31683/stylus.vi24.789. Disponível em: https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/789. Acesso em: 5 maio 2026.

FIGUEIREDO, Ingrid Porto de. A verdade e a interpretação poética na psicanálise lacaniana. *Stylus: Revista de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 67-79, dez. 2018. DOI: 10.31683/stylus.v0i37.325. Disponível em: https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/325. Acesso em: 5 maio 2026.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010. Disponível em: https://www.grupopensamento.com.br/produto/linguistica-e-comunicacao-4981. Acesso em: 5 maio 2026.

LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. Disponível em: https://img.travessa.com.br/capitulo/ZAHAR/OUTROS_ESCRITOS-9788571107519.pdf. Acesso em: 5 maio 2026.

MORAIS, Marília Brandão Lemos. Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 29, p. 45-56, set. 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372006000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 5 maio 2026.

PORTUGAL, Ricardo Primo. Poesia clássica chinesa – Dinastia Tang: princípios e roteiro de uma antologia em português. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 14, p. 121-135, 2013. Disponível em: https://revistas.usp.br/clt/article/download/97009/96044/167301. Acesso em: 5 maio 2026.

RATTI, Fabiana C.; ESTEVÃO, Ivan Ramos. A letra chinesa e a clínica lacaniana. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 395-404, dez. 2014. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2359-07692014000300004&script=sci_arttext. Acesso em: 5 maio 2026.

SOUZA, Priscilla Machado de; D'AGORD, Marta Regina de Leão; SEIDE, Liliane. O trabalho da poesia na clínica das psicoses. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 115-123, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/agora/a/VWL5p9PHTpjVmC56J6prkwf/?lang=pt. Acesso em: 5 maio 2026.

XAVIER, Maria José Freitas de Freitas. O que há na escrita chinesa que possa nos ensinar sobre a letra? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 264-272, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/agora/a/XmFHFXdKppKSNgXGR5sfxgP/?lang=pt. Acesso em: 5 maio 2026.